

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



*ARTIGOS*  
*DOCTRINÁRIOS*  
*ESPÍRITAS*

## Artigos Espíritas

Extraídos da obra  
Bezerra de Menezes - Uma Carta de Bezerra de Menezes

### Princípios Fundamentais do Espiritismo

Os princípios fundamentais do Espiritismo devem ser considerados em relação à gênese dos espíritos, à sua evolução e ao seu destino. São três pontos que reclamam a maior atenção e que constituem o edifício da nova doutrina.

Estudemos a gênese.

Seria indigno da Onipotência e da Onisciência limitar a criação viva e, portanto, o movimento e a luz, a insignificantíssimo ponto do espaço ilimitado. O simples bom-senso repele essa concepção e estabelece a oposta: a de haver luz e movimento e, conseguintemente, vida, por todo o infinito espaço. E a pluralidade de mundos habitados pela humanidade, que emerge desta última concepção, que exalta a Deus, tanto como a oposta o mesquinha.

O Espiritismo admite em sua Teogonia este princípio e esse princípio não é diabolismo, porque é conforme com o critério absoluto da verdade.

Também ele consigna a lei da constante e eterna criação de mundos e a Ciência confirma este postulado, demonstrando que as nebulosas cospem constantemente nos espaços núcleos de novos mundos. Cada um destes é mais uma habitação acrescentada à casa do Pai, a qual precisa alargar-se

constantemente, porque acontece com a criação dos espíritos o que se dá com a dos mundos.

Deus criou espíritos de toda a eternidade e criá-los-á por toda a eternidade. Também isto não pode ser diabolismo, porque isto magnífica e engrandece o Senhor.

E' verdade que V. notará aqui divergências com a gênese bíblica, que dá o Senhor criando um único par humano, depois do que entrou em repouso. Que houvesse, não era razão para ser repellido, porque a criação única amesquinha, tanto quanto a múltipla e eterna exalta, e porque esse repouso de Deus, antes e depois da criação do mundo, é até blasfemo.

Não há, porém, divergência, e o repouso de Deus, depois da criação da Terra, tem a mais satisfatória explicação.

A gênese espírita compreende a criação universal, ao passo que a bíblica se refere à especial da Terra.

Deus criou sempre e criará sempre, como é de simples intuição e o afirma o Espiritismo; mas cria cada mundo num tempo, como é de razão, e o afirma a Bíblia com relação a Terra. A divergência fica assim explicada.

Quanto ao repouso, temos a mesma distinção.

Deus está em constante atividade, porque a falta desta seria a sua extinção; mas descansa a respeito de cada mundo que cria e a que põe leis eternas, que dispensam sua constante intervenção. O repouso é, portanto, relativo e não absoluto, como parecerá a quem ler o Gênese e supuser que Deus só criou este mundo e esta gente que o habita. Já vê que o Espiritismo, em vez de procurar comprometer, como faria um inimigo, explica o que parece comprometer como faz um bom amigo.

Mas... continuemos. Os espíritos são criados na mais perfeita identidade de condições. São criados em ignorância; mas com todos os meios precisos, também latentes, para conquistar a suma virtude humana.

Todos recebem, com as faculdades e meios de que falei acima, idênticos em toda a liberdade, também idêntica, de pô-los em jogo para sua elevação. Isto não é diabolismo, porque essa igualdade perfeita, na distribuição dos seus dons por todos os filhos, exalta e engrandece o Pai.

E isto é a síntese da gênese espírita.

Passemos à evolução dos espíritos.

Os espíritos, criados em ignorância e inocência, começam a agir, a desenvolver suas faculdades intelectuais e afetivas, cada um como bem lhe parece, usando de sua liberdade. Daí resulta que, logo no primeiro páreo, uns empenharam toda a sua força naquele desenvolvimento, outros empregaram menos do que podiam, outros ainda menos, e assim por diante, até aos que não deram um passo no caminho do progresso.

No fim dessa primeira existência, o Juiz indefectível julga a todos segundo seu trabalho, não deixando falta impune, nem esforço sem animação.

Aqui não pode haver diabolismo, senão em não haver juízo definitivo e condenação, ou glorificação eternas. Isto, porém, já mostrei que é dogma de caráter humano, que inquina a religião, comprometendo as perfeições infinitas do Altíssimo.

Os espíritos, que empregaram todo o esforço em vida, sobem, por animação, alguns degraus na longa escada que leva à maior perfeição humana, em cada degrau da qual, à medida que se vai subindo, tem-se mais amor ao progresso, pelo saber e pelo bem, e recebe-se, na mesma relação, maior ou menor sopro da felicidade, cuja plenitude só se goza quando se chega ao último degrau.

Ao contrário do que fez o que podia o espírito que não usou de seus meios de progresso fica estacionário, até que faça jus a subir de grau, sofrendo no espaço as penas de suas faltas. E sofre-as por séculos de séculos, até que se converta se arrependa e faça propósito de emendar-se. E sofre-as tão duras e aflitivas, como as que se descrevem no inferno, com a única diferença de que não matam, mas purificam, corrigindo, e de que cessam desde o momento em que o espírito, sempre usando da sua liberdade, curva a cerviz à lei do progresso e do bem.

Tanto o bom, premiado, como o mau, castigado e arrependido, reencarnam para progredirem, pois que é impossível galgar o topo da escada em uma vida única.

Mas, então, vemos essa desigualdade que tanto nos impressiona: uma criança despontando na vida com tendência irresistível para o bem, ao passo que outra apresenta uma tendência igual para o mal; porque cada espírito começa a nova existência no ponto em que concluiu a passada, e é por isso que vemos uns dotadas de inteligência genial, e outros estúpidos

como pedras. E é por aí que se explicam as vocações especiais e as idéias inatas.

Em a nova existência, o espírito perde a lembrança do que foi para poder usar plenamente de sua liberdade e fazer mérito ou demérito. E, nela, cada um vem a expiar as faltas da passada e fazer provas de ter, pelo arrependimento que lhe suspendeu o castigo, abraçado sinceramente o princípio do bem.

A nossa missão, pois, reencarnando, é: lavarmo-nos das manchas passadas e adquirirmos maior desenvolvimento intelectual e moral, para subirmos.

Nossas provas na vida corpórea são variabilíssimas, mas sempre em relação com as passadas faltas. Fomos, por exemplo, senhor bárbaro e desumano, voltamos na condição de escravo, para sofrermos o que fizemos sofrer. E, se sofrermos a dura prova com resignação, louvando a Deus e oferecendo-lhe nossas dores em desconto das nossas faltas, teremos satisfeito à difícil missão e subido algum ou alguns degraus da escada, quando morrermos.

O que falha à sua missão, revoltando-se contra as provas, vai sofrer penas cruéis e tem de repetir a experiência em tantas existências, quantas levar endurecido.

E assim, sofrendo depois de cada vida a pena das faltas que cometeu nela e voltando a nova encarnação para expiar aquelas faltas e progredir pela prática das virtudes opostas, sobe o espírito, a um por um, todos os degraus da longa escada que leva à casa do Pai.

Alcançar esta casa é o destino humano. Mas não pode entrar aí, no palácio do Rei dos reis, na morada do Senhor de todas as perfeições, senão o espírito desmaterializado, o que tem adquirido o maior saber que é dado ao homem e a mais alta virtude de que é capaz a natureza humana.

Daí a necessidade de sofrermos com resignação, pelo amor de Deus, todas as provas de expiação que nos forem impostas em nossas existências.

Quem mais trabalha mais lucra. Quem mais depressa anda mais depressa chega. E o incentivo para trabalhar e para apressar-se é tal que arrebatava.

O mais difícil é chegar-se a um ponto de progresso, donde se pode compreender o glorioso e esplêndido destino que espera a Humanidade.

Glorioso e esplêndido, pois que o homem, desenvolvendo sempre as suas faculdades intelectuais, para o saber, e as afetivas, para a virtude, chega a uma transformação de sua natureza, não restando, deste que conhecemos na Terra, senão a forma e a essência espiritual.

Compreendido tão alto destino, não há mais quem fraqueie, pois que, à sublime visão, fazemos das fraquezas forças.

Em última análise, o destino humano é a perfeição: saber e virtudes, quais possuem os anjos. E a esse supremo grau de perfeição humana corresponde o mais elevado grau de felicidade, que nós da Terra mal podemos compreender. Sem esse grau de perfeição não podemos entrar na casa do Pai.

Diga-me V. se a Igreja, com o seu inferno e a sua vida única, oferece mais incentivo para a alma desejar o bem e mais repressões para ela procurar afastar o mal.

A diferença que há entre a Teogonia da Igreja e a do Espiritismo está unicamente nos princípios da vida única e das penas eternas, que, já vimos, atacam as perfeições do Criador.

Onde, pois, o diabolismo da Teogonia espírita?

Ela só dá o prêmio a quem conquistar o saber e a virtude.

Ela faz consistir a virtude no exercício da moral de Jesus Cristo.

Ela não deixa a mínima falta humana sem punição.

Ela dá ao homem todo o poder para preparar seu destino.

Ela ressalva a responsabilidade do Criador em todas as vicissitudes da vida humana.

Ela consigna o auxílio de Deus em prol do nosso progresso, não por graças individuais, que seriam preferências e exclusões, mas pela revelação das verdades, verdadeiros faróis, que ensinam a todos o porto da salvação.

Ela, finalmente, coloca mais alto do que jamais se cogitou o destino do homem.

Onde se encontra mais animação para o aperfeiçoamento da alma?

\*\*\*

Se o inferno fosse uma verdade, quantos estariam lá, só pelo temor que

ele inspira?

Com efeito, desde que nos dizem em nome do Senhor; pecaste mortalmente, morrerás in ceternum, o que caiu em tais pecados desanima e diz consigo: já que estou condenado depois da morte, aproveitarei ao menos este resto de vida. E em vez de procurar remir o pecado que o condena, em vez de se esforçar por melhorar, entrega-se de corpo e alma a todos os vícios que satisfazem à natureza material e carnal.

Sei que a Igreja oferece aos delinqüentes uma escada para fugir ao incêndio: o arrependimento sincero durante a vida; mas quantos têm disposição de subir dos abismos em que caíram?

Não acontece o mesmo com o inferno espírita, inflexível quanto a não deixar impune a menor falta, mas com tantas portas de entrada como de saída.

Aqui, o homem, que cai, sabe que tem de sofrer duro castigo; mas não desespera, porque também sabe que o castigo não é eterno, é a correção do mal que fez e cessa desde que esteja satisfeita a eterna Justiça e o pecador se arrependa. Aqui, todo tempo é tempo de o ser perfectível se levantar e caminhar a seu destino.

Porque, do contrário, tendo depois da vida o encarceramento eterno, ele não é perfectível, salvo-se sua perfectibilidade é a que desenvolve nesta única vida. Nesta hipótese, temos dois monstros: a perfectibilidade não é a mesma para todos, visto que uns chegam às alturas de Platão e outros ficam nas condições do hotentote - e pouco se exige no céu para a sociedade de Deus.

Com efeito, se os nossos santos exprimem o maior saber, a corte do Céu não é mais brilhante do que têm sido algumas da Terra.

O Espiritismo considera o saber e a virtude da Terra um bom princípio para a conquista da acrisolada virtude e do sublimado saber que dão títulos para a sociedade de Deus. O santo, na Terra, vai ser neófito em um mundo mais adiantado e o santo desse vai sê-lo igualmente em outro superior e assim numa escala infinita. Além disso, a Igreja, por amor da sua vida única, faz exclusivo cabedal, para a salvação, da santidade. Resulta daí que o virtuoso, embora supinamente ignorante, vai consignado ao céu, à sociedade do Onisciente.

O Espiritismo ensina que só entra na casa do Pai o que adquirir a

perfeição humana e que essa perfeição só a tem adquirido quem tiver chegado ao mais alto grau do saber e da virtude.

Ora, em todos estes pontos de Teogonia, qual das duas eleva o Senhor, a da Igreja, ou a espírita? Se a espírita é diabolismo, que será da ortodoxa? Será o caso de considerar-se inimigo o que mais se empenha em honrar e distinguir - e amigo o que abate e humilha!

\*\*\*

E, pois, para concluir esta parte, fanei as seguintes considerações: a moral espírita não é obra de Satanás, porque é a pura moral de Jesus Cristo. A Teodiceia espírita não é obra de Satanás, porque é a pura Teodiceia da Igreja. A Teogonia espírita não é obra de Satanás, porque todos os seus princípios são aferidos pelo infalível padrão da verdade absoluta, porque dão honra e glória ao Criador.

Onde, pois, está a razão de se repelir esta doutrina, que é tão elevada e tão pura como a de Jesus, da qual se manifesta, com esmagadora evidência, a continuação, o complemento?

A razão está no mesmo engano cego que levou o sacerdócio hebreu a condenar a divina revelação que nos fez o Redentor, porque atacava os princípios tidos por verdades.

Hoje, esse sacerdócio conhece que, em boa fé, sustentou a mentira contra a verdade. Amanhã a Igreja reconhecerá que combate a verdade por sustentar erros, que já fizeram o seu tempo.

Jesus, atendendo ao atraso do mundo, não proscreeu o inferno, como bem o compreendeu São Jerônimo. O inferno, porém, atento o progresso humano, por obra da divina luz emanada da Cruz, já fez seu tempo, já não é meio de repressão, já só serve para afastar da Igreja e da verdade todo o ser pensante que não está fanatizado. E como já fez seu tempo, eis que baixa do Céu a revelação da doutrina verdadeira, que deve substituir os falsos princípios tolerados como verdades, para servirem de veículos às verdades.

Além de que as revelações progressivamente mais amplas se têm feito de dois em dois mil anos e já está decorrido quase esse tempo depois da de Jesus; além de que essas revelações têm descido quando a Humanidade

há realizado um bem acentuado progresso e ninguém pode negar que o tenha realizado de Jesus para cá; convém considerar que se sente, no seio do mundo terrestre, a efervescência de um vulcão moral, que pressagia sempre erupções religiosas.

O Sinai e o Calvário simbolizam revoluções morais, no sentido de saciar a sede de luz que afligia a Humanidade daqueles tempos.

No tempo de Moisés, o povo já não se continha diante do ensino abraâmico. No tempo de Jesus, já não se continha diante do ensino de Moisés. Hoje, não há negá-lo, a Humanidade não se contém diante do ensino da Igreja, exclusivamente por causa de sua estreita Teogonia.

Pois bem. A nova revelação não altera a moral da Igreja, que todo o mundo acata, não altera a Teodiceia da Igreja que só meia dúzia de infelizes repele - e isso por causa da tal história do inferno e penas eternas; mas altera exatamente o que à Humanidade repugna - a Teogonia - e, na Teogonia, exatamente o que só o fanatismo abraçou: os dogmas da vida única com as penas eternas.

\*\*\*

Agora que V. já conhece as minhas idéias, vou dizer-lhe o meu credo.

Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra. Creio em Jesus Cristo, seu dileto Filho, Nosso Senhor e Redentor. Creio que a Igreja foi instituída por Ele para ensinar sua santa doutrina e que é assistida pelo Espírito Santo nesse santíssimo mister. Creio na comunhão dos Santos, na ressurreição da carne, na vida eterna.

Não creio na lenda dos anjos decaídos, porque crer nisso valeria por negar a onipotência e a onisciência do Senhor. Não creio que o mal possa triunfar do bem, eternizando-se, como este, no reino de Satanás. Não creio que um espírito criado pelo Senhor possa fazer-lhe frente, resistir-lhe e destruir-lhe os planos e nem que o Senhor permita isso, servindo-se do rebelde para castigar o rebelde, porque, nesse caso, Deus não criou o homem para o bem, para a felicidade. Não creio na 'vida única, porque o homem é perfectível. Não creio nas penas eternas, porque Deus é pai. Não creio na infalibilidade do papa, porque assim teríamos um Deus no Céu e outro na Terra.



E a comunicação dos santos significa, para mim, a comunicação dos espíritos. E a ressurreição da carne significa a reencarnação dos espíritos.

Eis o meu credo e digo-lhe: que tenho fé viva e esperança firme de subir com ele à sociedade de Deus na eternidade.

Pouco nos resta de vida, a mim e a V.; pouco nos falta para nos encontrarmos onde, livres da obsessão da carne, possamos conhecer se tenho ou não razão.

Paz e amor em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Rio, 31 de Maio de 1886.

(Assinado) Seu irmão ADOLFO. (\*)

*(\*) Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) foi presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889, vice-presidente em 1890 e 1891, e novamente presidente de 1895 até a sua desencarnação, em 11 de Abril de 1900.*